

**Universidade de São Paulo**  
**Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”**

**A ambientalização que habita em mim**

**Nicole dos Santos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
para a obtenção do título de Especialista em  
Educação Ambiental e Transição para  
Sociedades Sustentáveis pela ESALQ/USP

**Piracicaba**

**2020**

**Nicole dos Santos**  
**Bacharela em Gestão Ambiental**

**A ambientalização que habita em mim**

Orientadora:

Profa. Msa. **RACHEL ANDRIOLLO**  
**TROVARELLI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
para a obtenção do título de Especialista em  
Educação Ambiental e Transição para  
Sociedades Sustentáveis pela ESALQ/USP

**Piracicaba**

**2020**



Dedico este trabalho aos sonhadores,  
àqueles que lutam, todos os dias, por uma educação mais carinhosa,  
respeitosa e acessível.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (FEALQ), que me concedeu bolsa de estudos, sem a qual eu não estaria obtendo o título de especialista.

À minha querida orientadora, Rachel, por ter compreendido todas as dificuldades que tive durante a escrita deste Memorial de Formação e por ter me auxiliado da melhor forma possível. Agradeço a chance de ter tido como orientadora uma colega de profissão.

A todas e todos do Laboratório de Educação e Política Ambiental (Oca), por persistirem nos ideais da Educação Ambiental e por terem cunhado este curso de especialização, tão necessário; em especial àquelas que tiveram maior envolvimento com o curso: Alci, Bianca, Giovanna, Isabela, Karine, Marcos, Rachel, Simone e Vivian. Agradeço o carinho com a elaboração das atividades e com as estudantes.

Aos meus tios, Alexsandro e Silvana, que continuam apoiando os meus sonhos mais audaciosos e sempre estão disponíveis para me ajudar.

Aos meus amigos de curso, aprendi muito com cada um de vocês e fiquei muito honrada de ter dividido minhas tardes de sábado e manhã de domingo com vocês; levarei cada um no coração.

Aos meus amigos do Projeto de Intervenção “Monte Vivo, Vida Alegre”: ao Bruno, que sempre tem boas indicações de leitura e uma moda de viola; à Iza, que sempre estava disposta a ajudar e fazia os cartazes mais bonitos que eu já havia visto; à Kelly, que é tão parecida comigo e sempre me deu ótimos conselhos; à Lili, que virou minha confidente e sempre tem um tempinho para mim; à Van, que sempre tinha um sorriso no rosto e estava disponível para um abraço carinhoso.

Às minhas amigas do Projeto Político Pedagógico (PPP): Vivian, Giovanna e Isabela. Fiquei muito grata pela possibilidade de ter feito parte do processo de reescrita do PPP, com vocês eu aprendi muito.

Aos meus amigos e amigas de caminhada, durante a escrita deste Memorial de Formação revivi várias memórias e tenho a certeza de que nada teria acontecido assim se não fossem vocês. Um agradecimento especial às minhas amigas Sophia, Amanda e Elen, que sempre estiveram disponíveis para me ouvir e aconselhar.

À Cássia, minha amiga de vida, que está sempre disponível para me ouvir, auxiliar e sempre tem uma ótima citação de Harry Potter para qualquer momento que eu esteja passando.

Ao Roberto, por ter me encorajado a escrever sobre as minhas memórias, por sempre ler atentamente as minhas versões e ter sido tão disponível durante a elaboração deste Memorial. Obrigada por ter acreditado em mim, mesmo nos dias que eu mesma não acreditei.

Por fim agradeço à todas as educadoras e educadores ambientais do Brasil, pela coragem de sair do padrão opressor, por lutar pelo que é certo e por não desistir nunca. É revigorante saber que não estou sozinha nesta caminhada, a todos vocês o meu respeito e gratidão.

*“Desistir?”*

*Eu já pensei seriamente nisso, mas nunca me levei realmente a sério.  
É que tem mais chão nos meus olhos do que cansaço nas minhas pernas,  
mais esperança nos meus passos do que tristeza nos meus ombros,  
mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça.”*

Cora Coralina

## SUMÁRIO

RESUMO .....	8
ABSTRACT .....	9
À NICOLE QUE JÁ FUI.....	10
1 APRESENTAÇÃO.....	12
1.1 A Ambientalização Curricular .....	13
2 A EDUCAÇÃO COMPETITIVA .....	19
2.1 A “melhor” aluna da sala: por tempo demais. ....	19
2.2 O ensino padronizado: como reconhecer a si mesma? .....	21
3 DESCOBERTAS .....	23
3.1 (Re)descobrimo a si mesma .....	23
3.2 Descobrimo: o cálculo.....	24
3.3 Descobrimo: o poder do grupo.....	25
3.4 Descobrimo: os caminhos educacionais alternativos.....	26
3.5 Descobrimo: o meu papel protagonista na Ambientalização Curricular .....	28
4 O CAMINHAR .....	31
4.1 Ser educadora.....	31
4. 2 A Especialização Educação Ambiental e Transição para Sociedades Sustentáveis .....	32
4. 2.1 O Projeto Político Pedagógico (PPP).....	36
5 POR QUE AMBIENTALIZAR? .....	39
6 O MAR QUE PERTENÇO .....	40
À NICOLE QUE SEREI .....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	43



## RESUMO

### **A ambientalização que habita em mim**

Este trabalho se apresenta como um Memorial de Formação. Por meio do resgate de memórias a autora reflete sobre como a Ambientalização Curricular é parte relevante de sua jornada. Aqui, as memórias transformam-se através da reflexão e relacionam-se com referencial teórico conectado ao tema. Ao se ambientalizar um currículo escolar e acadêmico uma maior autonomia é oferecida aos estudantes, que podem tornar-se protagonistas de sua trajetória e, com isso, estão mais aptos para a vida profissional e adulta, por serem mais preparados para o diálogo e as questões planetárias. A autora discorre sobre os três períodos mais marcantes de sua formação acadêmica, em que o grau de ambientalização foi aumentando e como isso a auxiliou a tornar-se uma estudante mais segura de si e dedicada.

Palavras-chave: Ambientalização Curricular; Educação Ambiental; Autonomia.

## **ABSTRACT**

### **The environmentalization that lives in me**

This work is presented as a Training Memorial. Through the rescue of memories, the author reflects on how Curricular Environmentalization is a relevant part of her journey. Here, the memories are transformed through reflection and relate to theoretical reference linked to the theme. By environmentalizing a school and academic curriculum a greater autonomy is offered to students, who can become protagonists of their trajectory and, thereby, are more apt for professional and adult life, by being more prepared for dialogue and planetary issues. The author discusses the three most remarkable periods of her academic training, in which the degree of environmentalization has been increasing and how this has helped her to become a more self-assured and dedicated student.

Key words: Curricular Environmentalization; Environmental Education; Autonomy.

## À NICOLE QUE JÁ FUI

Querida Nicole do passado,

Sei que por muitas vezes nos perguntávamos quem seríamos no futuro, o que estaríamos fazendo e como estaria a nossa vida. A grande verdade é que continuamos a mesma Nicole, mas talvez eu seja diferente do que você imaginou.

Estamos em 2020, tenho 24 anos e não, eu não tenho a minha lista de 25 coisas para fazer antes dos 25 quase completa. A grande verdade é que eu a perdi tem anos e nem lembro o que escrevemos nela. De toda forma nossas prioridades mudaram, então acredito que nem íamos querer realizar tudo.

2020 tem sido um ano bem diferente, não posso negar. Estamos passando por uma pandemia global<sup>1</sup>, o que fez com que nós ficássemos em casa e afastadas das pessoas que amamos; a última vez que vimos nossas amigas pessoalmente foi em março. Infelizmente o nosso país encontra cada dia mais dificuldades, pois temos um governo fascista no poder<sup>2</sup>, o que tira nosso sono mais do que deveria.

Porém nem tudo aqui é ruim, ou estranho. Nos formamos em Gestão Ambiental na ESALQ (é, onde aprendemos a andar de patinete) em 2017. Tivemos experiências incríveis, ganhamos muitos amigos. E agora estamos prestes a terminar a Especialização em Educação Ambiental e Transição para Sociedades Sustentáveis da Oca, que com certeza foi uma experiência que nos lembraremos para sempre.

Isso me leva ao motivo que comecei a escrever esta pequena carta a você. Como Trabalho de Conclusão de Curso estamos realizando um Memorial de Formação e resgatei muito do que vivemos para a escrita do documento. Tive vontade de te dizer que por mais que tudo esteja uma loucura, está tudo bem e vai ficar tudo bem.

Neste documento tive que pensar, e repensar, sobre a educação que tivemos durante a nossa infância e adolescência e percebo que gostaria muito que

---

<sup>1</sup> Este Memorial de Formação foi escrito em 2020 ano da pandemia do COVID 19, também conhecido como Corona Vírus.

<sup>2</sup> MACHADO, R. P. Entrevista: 'Bolsonaro é o populista que mais se aproximou do fascismo na história', diz Federico Finchelstein Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/07/07/bolsonaro-populista-fascismo-entrevista-federico-finchelstein/>>

tivéssemos tido outra experiência; talvez seja por isso que busco novas metodologias educativas.

Hoje eu defendo uma educação muito diferente da que tivemos. Defendo uma educação libertária, planetária, carinhosa, inclusiva e ambientalizada; quero que a sustentabilidade esteja intrínseca no processo educacional e que o estudante tenha autonomia e opine sobre o processo em que está incluído (e seja levado a sério!).

Escrevo esse Memorial como uma forma de manifestar o que eu desejo para a educação planetária; como um manifesto sobre a escola que eu queria ter tido e que eu desejo para outras.

Deixo aqui o meu agradecimento por termos nos permitido viver as experiências que vivemos, por termos coragem de sermos quem éramos. Espero que este Memorial te deixe orgulhosa de mim, assim como sou orgulhosa de tudo o que conquistamos!

## 1 APRESENTAÇÃO

Vivemos em um mar de histórias, e como os peixes que (de acordo com o provérbio) são os últimos a enxergar a água, temos nossas próprias dificuldades em compreender o que significa nadar em histórias. Não que não tenhamos competência em criar nossos relatos narrativos da realidade – longe disso, somos, isso sim, demasiadamente versados. Nosso problema, ao contrário, é tomar consciência do que fazemos facilmente de forma automática. (BRUNER; 2001, p.140)

Este Trabalho de Conclusão de Curso está estruturado no formato de Memorial de Formação. O escolhi por ser uma forma de inovar, de aumentar meu repertório acadêmico e de me conectar comigo, com a minha história e com a minha verdade.

Mas o que é um Memorial de Formação? Para Freitas e Souza Jr. (2004)

A palavra Memorial vem do latim Memoriale e significa memento<sup>3</sup>, fatos memoráveis, que precisam ser lembrados. Segundo Carrilho et al. (1997, p.04), o Memorial é um texto de caráter científico, onde o autor descreve a sua trajetória profissional de forma crítica e reflexiva (p. 3).

O texto, por ser crítico e reflexivo, é ousado; uma vez que as memórias particulares se tornam as experiências norteadoras para o trabalho. Para Bondia (2002)

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (p. 21).

Bondia (2002, p. 27) completa dizendo que “no saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece”. Ele, ainda, afirma que o saber da experiência nunca é igual, nem mesmo para duas pessoas que partilharam a mesma vivência, já que ele “é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna”; ou seja, por mais que a experiência seja a mesma a análise não é.

---

<sup>3</sup> Segundo o dicionário Michaelis (2020, on-line) a palavra memento significa “papel, bloco ou caderneta onde se anota o que se deseja lembrar; memorando, memória, memorial/Pequeno objeto que faz lembrar alguém ou algum evento; lembrança, recordação”.

Utilizar as próprias experiências com o base para o Memorial é um ato de resistência e de coragem. Tomar para si “as rédeas” da formação acadêmica em que estive inserida foi uma experiência de completa conexão comigo e com minha história.

Para Prado e Soligo (2005, p. 7) “Um memorial de formação é acima de tudo uma forma de narrar nossa história por escrito para preservá-la do esquecimento. É o lugar de contar uma história nunca contada até então – a da experiência vivida por cada um de nós”.

Preservo então, neste documento, as minhas mais relevantes memórias sobre a minha formação. Trago, além de experiências, reflexões sobre a trajetória que trilhei até aqui e com isso resisto.

### **1.1 A Ambientalização Curricular**

Sinto que em algum ponto precisarei contextualizar você, caro leitor, sobre o que é de fato a Ambientalização Curricular; e prefiro fazer isso logo agora, no começo. Por mais que eu ainda pretenda versar sobre o tema acredito que uma “pitada” de conteúdo é necessária.

O sistema educacional que conhecemos hoje teve início durante o Brasil-Colônia com os jesuítas. Essa “educação” ocorria de forma obrigatória, autoritária e unilateral; muitos foram dizimados por negar abandonar sua fé e seus costumes em prol a fé cristã (SECO; AMARAL, 2012).

A primeira reforma educativa ocorreu no século XVIII quando Marquês de Pombal expulsa os jesuítas e institui aulas régias de Filosofia Racional e Moral (SECO; AMARAL, 2012). Na época as aulas eram voltadas a elite masculina e era muito comum ir ao exterior estudar outros assuntos.

Mesmo que tenham acontecido mudanças na educação formal a partir de então, somente na Era Vargas houve de fato uma tentativa de democratizar a educação pública. Na época as mudanças ocorreram pelo fato de que a escola passou a ser vista como um preparatório para a vida adulta/trabalhista (BARBOSA, 2012).

As tentativas de fortalecer a educação pública, que estavam acontecendo desde 1937, são freadas e modificadas com a Ditadura Militar. As disciplinas e assuntos além de serem controladas se moldaram de forma a exaltar o Governo e

suas decisões. Muito se perdeu nesse período e eu espero que nem seja necessário dizer isso<sup>4</sup>.

Com a volta de República Democrática e a criação da Constituição de 1988 a educação passou a ser direito do cidadão. O vigésimo quinto artigo disserta que ela deve formar “visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para a cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988, on-line).

Pela primeira vez a educação deixa de ter como obrigação apenas o papel de ser preparatória para um emprego. Ao dizer que ela deve “desenvolver o cidadão” há um grande reconhecimento de sua importância e adição ao peso que ela possui.

Desde então várias políticas públicas foram criadas com o intuito de democratizar o acesso e melhorar a qualidade de ensino desde o Ensino Básico, até o Superior. Acredito que dois grandes ataques recentes à educação brasileira foram: o Projeto de Lei 7180/2014, mais conhecido como “escola sem partido” e a PEC 241/55, conhecida como “PEC do fim do mundo”.

Por mais que o PL 7180/2014 não tenha sido aprovado, ambos foram responsáveis por iniciar o projeto de desmonte e sucateamento da educação pública (AMARAL, 2016; LIQUER, 2017; PENNA, 2016; VAZQUEZ, 2016), que tem se aprofundado no atual governo através dos cortes ao ensino, incluindo bolsas de mestrado e doutorado<sup>5</sup>, e a tentativa de militarizar o ensino.

A visão do sistema educacional dos projetos acima muito se difere daquela que estava sendo cunhada por educadoras e educadores; esses projetos insinuam que o estudante é como lousa em branco e, por isso, são seres fáceis de serem doutrinados (LIQUER, 2016, p. 67-70).

O sistema educacional que estava sendo construído até então não era perfeito, porém, em linhas gerais, eles possuíam uma visão mais construtivista e buscava a inclusão dos estudantes e seus pais na construção dos Projetos Políticos Pedagógicos e do cotidiano escolar.

---

<sup>4</sup> Durante a Ditadura Militar Brasileira, que ocorreu entre 1964 e 1985, o autoritarismo e a censura foram regras. Muitos educadores, cientistas, artistas e ativistas foram perseguidos, exilados, torturados e até mortos. Muitos casos ainda não foram solucionados.

<sup>5</sup> JÚNIOR, L. J. Q. ‘NOSSA PÓS-GRADUAÇÃO VAI DEFINHAR’: CORTES DEVEM ACABAR COM METADE DOS CURSOS. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/05/14/mec-corte-bolsas-pos-graduacao/>. Acesso em 17 set. 2020. | AGÊNCIA SENADO. Senadores criticam corte de R\$ 4,2 bi do orçamento da Educação para 2021. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/12/senadores-criticam-corte-de-r-4-2-bi-do-orcamento-da-educacao-para-2021>. Acesso em 17 set. 2020.

Uma das adições à educação pública foi a inclusão da Educação Ambiental dentro dos currículos escolares e acadêmicos, através da Política Nacional de Educação Ambiental em 1999 (Lei nº 9.795). O segundo artigo da Lei garante que: “A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal.” (BRASIL, 1999, on-line).

Carvalho (2004) diz que a educação constrói um espaço social que abriga a diversidade de práticas e o tipo de prática escolhida atua diretamente no sujeito formado. Quando escolhemos a educação ambiental ela atua na formação do que Morin (2000) identificou como cidadania planetária, que é essencial para a sociedade, uma vez que ela busca trabalhar a humanização da humanidade e o desenvolvimento das éticas da compreensão e solidariedade (MORIN, 2000, pg. 106).

A educação ambiental, em específico, ao educar para a cidadania, pode construir a possibilidade da ação política, no sentido de contribuir para formar uma coletividade que é responsável pelo mundo que habita. (SORRENTINO; et al., 2005, p. 287).

Vejo-a como uma forma de alterar os processos educativos tornando-os mais inclusivos, lúdicos e interessantes, pois ao se educar para a cidadania cósmica ensinamos a condição humana<sup>6</sup> e vamos além das cegueiras do conhecimento<sup>7</sup>. E a realidade atual é que o mundo, seus problemas e soluções são complexos e multidisciplinares e as atividades escolares e acadêmicas devem levar essa questão relevantíssima em conta.

Porém como realizar a inclusão de tamanha complexidade no sistema educacional? A minha aposta é na Ambientalização Curricular!

Uma das minhas conceituações favoritas a define como

[...] o processo de internalização de valores éticos, estéticos e morais em torno do cuidado com o ambiente nas práticas sociais e nas orientações individuais. Estes valores se expressam na sociedade contemporânea em preocupações, tais como aquelas com a integridade, a preservação e o uso sustentável dos bens ambientais (CARVALHO, 2011, p. 137).

---

<sup>6</sup> Termo utilizado por Edgard Morin em “Os sete saberes necessários à educação do futuro”.

<sup>7</sup> Termo utilizado por Edgard Morin em “Os sete saberes necessários à educação do futuro”.



Afirmo que esta é a minha definição favorita, pois ao tornar a sustentabilidade intrínseca aos processos e produtos acadêmicos e educacionais fazemos mudanças em prol a sociedades sustentáveis, que tenham senso ético e moral. Isso ocorre, pois humanizamos a educação e conquistamos todos os envolvidos como parte relevante do processo.

Ciurana, Junyent e Arbat (2003) a definem como

[...] um processo contínuo de produção cultural que visa a formação de profissionais comprometidos com a busca plena das melhores relações entre a sociedade e a natureza, atendendo aos valores de justiça, solidariedade e equidade, aplicando os princípios éticos universalmente reconhecidos e o respeito pela diversidade (p. 21, tradução da autora).

A Ambientalização Curricular está contemplada nos princípios do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global que dentre eles citam que a “educação ambiental deve envolver uma perspectiva holística, enfocando a relação entre o ser humano, a natureza e o universo de forma interdisciplinar” (MMA, 2018, on-line).

Uma das maiores precursoras da ambientalização no âmbito superior foi a Rede ACES (Ambientalização Curricular no Ensino Superior). Ela foi formada em 2000 e envolveu onze universidades, cinco europeias e seis latino-americanas. As representantes brasileiras foram: a Universidade Estadual Paulista (UNESP), a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) (MAPAMA, 2018).

Esta rede foi responsável por criar dez indicadores com a capacidade de indicar se os cursos de Ensino Superior estavam adequados ambientalmente e qual o grau de sua ambientalização (GUERRA; FIGUEIREDO, 2014). O propósito era que estes indicadores pudessem ser aplicados em todos os espaços universitários.

A aplicação da Ambientalização Curricular, assim como dos seus indicadores, pode-se dar nos quatro âmbitos de uma Instituição de Educação Superior: na gestão, na extensão, na pesquisa e nos processos de ensino/aprendizagem. Para que uma escola seja considerada como “ambientalizada curricularmente” as quatro vertentes precisam estar integradas com as questões socioambientais (GUERRA; FIGUEIREDO, 2014).

Os dez indicadores foram dispostos de maneira circular, em um diagrama, pois os pesquisadores acreditavam que todos deveriam possuir o mesmo grau de

importância e a realização de uma lista não seria fidedigna (OLIVEIRA JÚNIOR et al, 2003). Eles estão apresentados na Figura 01.

**Figura 1: Os indicadores da Ambientalização Curricular**



Dados básicos: OLIVEIRA JÚNIOR et al (2003, p. 41)

Utilizar os dez indicadores dentro de uma Instituição de Educação é complexo e requer comprometimento, visto que é necessário criar espaços para que todos participem da execução das atividades e as criem. É importante pautar que em processos participativos é necessário que todos aqueles que desejam tenham oportunidade participar (VASCONCELOS, 2007).

Arruda, Lima e Andrade (2015, p. 108) dissertam que

a implementação da ambientalização curricular se torna mais complexa se considerarmos a formação docente e a necessidade de criação de espaços que ampliem essa discussão e experimentação de estratégias didáticas que fortaleçam a compreensão dos envolvidos no processo institucional de mudança.

Por mais complexa que possa ser a implementação da Ambientalização Curricular nas Instituições de Educação Superior ela torna-se cada vez mais urgente quando pensamos nos desafios globalizados que o planeta enfrenta. Principalmente

porque para se ambientalizar um currículo e uma Instituição, é necessário que questões como globalização, interdisciplinaridade e complexidade, entre outros, sejam incorporados nas mesmas (BARBA, 2011).

É necessário, também, pensar em ambientalizar toda a rede de ensino, do básico ao superior, visto que os primeiros anos escolares são muito relevantes aos estudantes. Uma educação severa e punitiva pode transformar todo o relacionamento que a criança ou adolescente terão com a escola e com a sala de aula.

Para mim o tema se conecta com autores de áreas que não versam essencialmente sobre a ambientalização em si, o que a torna muito relevante. Conecta-se com Paulo Freire (2002; 2019) quando oferece ao estudante autonomia e compreende que ele necessita ser parte do processo em que está envolvido; com Leff (2002) por construir e reconstruir o pensamento a partir de um saber que também é ambiental; com Morin (2000) por utilizar os seus sete saberes à educação e com Santos (2007) por oferecer uma educação que busca apagar as linhas abissais e não apenas mudá-las de local.

Ambientalizar um currículo é, para mim, ato de resistência frente à realidade degradadora, é tornar as salas de aula menos apáticas, trazer os estudantes para dentro do processo e torná-los protagonistas de sua jornada, é fornecer uma educação inclusiva a todas e todos, compreendendo e considerando as peculiaridades de cada um.

## 2 A EDUCAÇÃO COMPETITIVA

Neste capítulo apresentarei a você um pouco da minha educação primária; que foi a educação menos ambientalizada que eu recebi durante toda a minha trajetória.

Talvez você pense que os dois temas que eu trabalharei aqui não conversam tanto com o tema principal que é a Ambientalização Curricular. Porém eles foram importantes para que eu chegasse aos locais que acessei dentro da busca pela ambientalização.

### 2.1 A “melhor” aluna da sala: por tempo demais.

Para fazer com que os estudantes se esforçassem o colégio em que estudei estimulava pequenas competições “saudáveis” entre os mesmos e era um grande prestígio ganhar. O nome do vencedor saía no jornal anual e os três melhores estudantes de cada escola iam para uma competição contra outras unidades.

Ganhei todas as competições da minha escola por todos os anos que estudei lá, ou seja, da 1ª série (agora 2º ano do ensino fundamental) ao 3º ensino médio. TODAS mesmo: a de melhor nota da sala, a de melhor média da escola, quem lia mais na segunda série, uma competição com características mistas (nota, comportamento, proatividade etc.) e até mesmo uma competição chamada Miss Simpatia, nessa ganhei uma coroa e uma faixa feita de cartolina.

Fui para todas as competições regionais, fiquei em 3º lugar numa delas em algum ano que não me lembro e virei a garota propaganda da escola (em um *outdoor* imenso) depois disso. Para ser bem honesta eu não lembro se gostava ou não das premiações na época. Mas hoje vejo como a competitividade teve uma influência negativa no meu processo educacional.

Lembro-me da pressão colocada em mim para que eu mantivesse o meu “status”. Essa pressão no começo era externa, mas em certo ponto eu tornei-a minha. Lembro até hoje da minha primeira nota baixa e de ter que lidar com a decepção da professora, além da minha própria.

A pressão pela busca de ser a melhor causou inúmeras sequelas na minha formação, mas aqui decidi trazer apenas uma: as relações entre os colegas de classe. O dicionário Michaelis (2020, on-line) apresenta competir como “Concorrer com outrem na mesma pretensão; fazer concorrência com; apostar”.

Acredito que ensinar a concorrência à uma criança tenha diversas complicações; o caminho para ensinar isso e ainda assim mostrar a ela que a outra criança continua sua amiga deve ser muito bem construído. Do contrário existe a possibilidade, muito grande, de amizades serem abaladas, afinal: como aprender a diferenciar o seu rival na competição da sala e pensar nele como um amigo em seguida?

Quase nenhum estudante da minha sala aprendeu a diferenciar esses dois momentos. Eu poderia contar muitas histórias de pequenas competições que se tornaram problemas afetivos dentro da minha sala de aula.

Uma educação competitiva fez com que eu tenha passado parte da adolescência sem grandes amizades na escola, por muitas vezes eu fui vista e vi meus colegas como “meta a ser batida”. A competição que era para ser saudável estragou possíveis amizades de uma sala com 16 estudantes (em que treze estudaram juntos da 1ª série ao 3º colegial).

Hoje vejo que numa sala tão pequena seria ótimo se tivéssemos nos ajudado, dividido resumos, conteúdos e angústias. Gostaria de dizer que depois da escola conseguimos todos nos tornar amigos, mas eu estaria mentindo. A última conversa que tive com alguém que eu considerava o meu melhor amigo, na época, foi com ele falando que eu só havia passado no curso de graduação por ter escolhido um curso com nota de corte baixa, que eu não tinha capacidade de entrar num curso “sério”; isso foi de longe uma das coisas mais cruéis que alguém já me disse.

Anos mais tarde outra colega de sala me disse que não conseguia ficar feliz pela minha formatura na graduação, que isso lembrava a ela constantemente que eu havia alcançado uma Universidade pública e ela não.

Acredito que esses comportamentos estejam muito relacionados com o fato das sequelas que esses colegas tiveram de passar pelo mesmo processo de ensino competitivo, sendo sempre comparados e oprimidos. Afinal se “a melhor aluna da sala” saiu com sequelas emocionais decorrentes deste tipo de ensino, como saíram os outros participantes que tinham que se superar o tempo todo?

Infelizmente não superamos uma competição que já estava intrínseca entre nós. E eu sinto muito por isso.

## 2.2 O ensino padronizado: como reconhecer a si mesma?

Estudei em uma escola religiosa, nela não era permitido utilizar nenhum tipo de acessório, pintar as unhas e os tênis deveriam ser de cor neutra combinando com o uniforme; outras regras também faziam parte do código de conduta, várias envolvendo aspectos da personalidade.

Por mais que grande parte da propaganda da escola fosse relacionada a disposição de uma educação que seria para a vida (e ensinaria o caráter) hoje percebo que fiz parte de uma educação com características muito mais bancária do que qualquer outra.

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão (FREIRE; 2019, p. 80).

É claro que ao longo de todo o processo acadêmico, enquanto estava na escola, possuí ótimos exemplos de educadores que se importavam além do conteúdo. Houve na minha vida grandes inspirações educadoras que guardo com muito carinho, como a carinhosa professora da terceira série do ensino fundamental, o incrível professor de biologia, que sempre ensinou a importância do questionamento e a minha amável professora de inglês.

Quando digo que acredito ter passado por uma educação bancária não a relaciono somente a alguns professores, mas a todo um sistema existente dentro do colégio em que cresci. As muitas regras e baixíssima flexibilidade do sistema educacional que estava envolvida me traz completa correlação com a interdição do corpo.

[...] essa visão de mundo que nega e interdita homens e mulheres acaba sendo reproduzida e legitimada pela escola. Educadores e educadoras, quando negam seus educandos como sujeitos, “fabricam” objetos para constituir a massa homogênea e padronizada do modo de produção capitalista, para produzir e reproduzir as regras e a cultura imposta pelos dominantes, mantendo o status quo (BRIGHENTE, MESQUIDA; 2016, p. 159).

O Código de Conduta que tinha o objetivo de disciplinar os estudantes deixou muitos de nós sem identificação própria. O psicoterapeuta Erikson (1972) aponta que a tarefa mais importante durante a adolescência é a construção de identidade, tarefa não só ignorada como também negada dentro do sistema educacional que participei.

Para elucidar melhor sobre o que estou falando trarei uma lembrança que sempre conto para amigos como coisas “inacreditáveis que já fiz”. Sempre fiz parte do time de leitoras vorazes. Desde que me alfabetizei sempre fui encantada pelas palavras e por histórias de ficção com fadas e magos.

Uma vez fui repreendida por estar lendo Harry Potter durante o intervalo das aulas, visto que aquele livro deveria ser proibido por ser uma “falácia que faz alusão à bruxaria, que é do mal”, posteriormente fui novamente repreendida por ler Percy Jackson, pois “existe apenas um Deus”.

Na época surgiu com uma solução criativa, que foi utilizar a capa de uma bíblia na frente de todos os meus livros. Ninguém nunca mais me incomodou e eu fui, inclusive, elogiada diversas vezes por ser dedicada a este tipo de leitura.

Enquanto a leitura era encorajada dentro da sala de aula pela professora de literatura a mesma era repreendida pela monitora do intervalo e por alguns outros integrantes do corpo discente. Ler é importante, eles disseram, mas ler algumas coisas é ruim.

As críticas excessivas ao tipo de leitura que fazíamos, que não podia beirar o fantasioso, fez com que vários colegas tenham desistido de ler durante o intervalo e preferissem fazer qualquer outra coisa, como jogar bola ou só conversar.

Considero a opressão à leitura como uma forma de interdição do corpo, visto que Freire (1997) não considera o corpo apenas como o físico. A interdição também era mental e psicológica, visto que erámos proibidos de sermos autênticos.

Como jovens, em formação, encontram a sua essência e descobrem quem realmente são se as suas manifestações de autenticidades são podadas antes mesmo de aflorarem?

### 3 DESCOBERTAS

Este capítulo irá introduzir a minha Graduação em Gestão Ambiental, momento que eu considero como um ensino “semi-ambientalizado”, já que algumas disciplinas eram mais ambientalizadas do que outras.

Foi neste período que eu conheci e comecei a desvendar a Educação Ambiental e a Ambientalização Curricular.

#### 3.1 (Re)descobrimo a si mesma

Acredito que a Universidade tenha sido o “ponto de virada” da minha vida. É engraçado olhar para trás hoje e ver o quanto eu mudei e o quanto eu amadureci durante os quatro anos que passei na ESALQ, como estudante de graduação.

Mais de uma vez conversei com algumas amigas sobre “será que seríamos as mesmas pessoas hoje se tivéssemos ido para cursos diferentes?”; teriam as vivências moldado nossas vidas a ponto de nos tornarmos o que somos ou seríamos o que somos de toda maneira?

Entre no curso de Gestão Ambiental nova, com apenas 17 anos e foi nesse momento da vida que consegui encontrar a minha voz, reconhecer em mim quem eu era.

Foi no curso que me reconheci como ambientalista, como uma pessoa engajada, animada e responsável. Descobri também que sou uma boa amiga, sou sensível a assuntos delicados e que sou muito dedicada às causas que acredito. Durante ele que me permiti aprender, conhecer e explorar, de verdade, o que estava ao meu redor.

Lembro que um dos comentários mais recorrentes quando decidi fazer Gestão Ambiental era o de que eu provavelmente não me adaptaria, pois não era uma pessoa flexível e teria dificuldades em trabalhar “fora do asfalto”. Ouvi isso de professores e colegas de sala, principalmente.

Qual seria a minha surpresa ao descobrir que uma das minhas atividades favoritas durante a graduação seria a minha ida à Floresta Amazônica, onde tive extremo contato com a natureza?

Talvez essa tenha sido a graça da faculdade, para mim. Ao sair de um processo educativo completamente controlado para um que eu poderia fazer algumas escolhas, como disciplinas optativas, eu me permiti aprender de verdade.



Essa foi a primeira vez em que tive a oportunidade de me tornar a grande metamorfose ambulante<sup>8</sup> que Raul fala e o sentimento de perceber pela primeira vez que eu poderia ser quem eu quisesse, foi libertador.

### **3.2 Descobrindo: o cálculo**

A minha primeira grande dificuldade dentro do curso foi na matéria de Cálculo Aplicado, eu literalmente não entendia nada que o professor falava. A matéria que já era de difícil compreensão foi ainda mais complicada, pois o professor não era brasileiro e falava com um sotaque muito marcante quando ficava irritado porque ninguém sabia responder as perguntas (e isso acontecia o tempo todo).

Existia certa “aura do terror” naquele ambiente. Ele tinha uma lista de chamada e escolhia estudantes aleatoriamente para ir ao quadro resolver exercícios; lembro que quando ele começava a falar, eu e todos os meus colegas abaixávamos o olhar para não chamar atenção.

Durante o último terço da disciplina tivemos uma substituição de professor, por um que repetia o conteúdo quando alguém perguntava e sempre se mostrava muito solícito a qualquer dúvida, ele inclusive revisou parte do conteúdo anterior.

Boa parte dos estudantes, inclusive eu, passaram na disciplina devido este segundo professor. A sua prova foi muito condizente com o conteúdo apresentado em sala de aula e ele era muito simpático e solícito.

Se eu fosse relacionar esta memória com alguma diretriz da Ambientalização Curricular, seria a: “Levar em conta o sujeito na construção do conhecimento”. Basicamente nenhuma mudança drástica foi realizada entre um professor e o outro, a metodologia de conteúdo continuou muito similar; a única coisa nova que aconteceu foi a postura do educador em relação aos estudantes.

O pequeno ato de se importar com as dúvidas e retirar a “aura do terror” fez com que vários estudantes comessem a realmente aprender. Este foi um pequeno passo para uma educação ambientalizada, termo que na época eu ainda nem conhecia.

---

<sup>8</sup> Citação a canção Metamorfose Ambulante, composta por Raul Seixas em 1973.

### 3.3 Descobrimos: o poder do grupo

Adquiri o hábito de estudar em grupo durante a graduação, e posso afirmar que isso fez uma tremenda diferença no meu desempenho dentro do curso. Tinha uma amiga que sempre estudava comigo na biblioteca e alguns amigos que fazíamos pequenos grupos para estudar antes das avaliações.

Dividir o conhecimento era muito satisfatório, pois como diria Paulo Freire (2002, p. 12) “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Tenho algumas memórias dos nossos grupos de estudo, porém pretendo compartilhar apenas uma.

Estávamos em mais uma das dificuldades do curso: a disciplina de Administração Financeira. Era final de semestre e vários dos meus amigos estavam em pânico com a disciplina, que eu estava entendendo muito bem.

Decidimos então fazer um grupo de estudos, mas como éramos muito não seria possível utilizar o espaço da biblioteca e, por isso, nos alocamos dentro da sala do grupo extensão que uma das minhas amigas participava. Lá tinha um grande quadro branco e em determinado momento pensamos que seria interessante começar a resolver as questões e explicar os conceitos usando-o.

Essa foi uma das melhores experiências que já tive. Para quem veio de uma educação completamente competitiva a possibilidade de dividir com os colegas e ajudá-los a compreender o conteúdo e ir bem na prova foi mágica.

O hábito de dividir resumos e angústias nos fortaleceu como amigos e como estudantes, pois sempre tem alguém que vai melhor em certa disciplina que pode ajudar os outros e quando ninguém ia bem pelo menos reclamávamos juntos e tentávamos descobrir como iríamos resolver as questões.

Esse episódio me recorda a potência que os estudantes têm e como eles devem ter papel protagonista dentro de seu próprio currículo, inclusive na ambientação dele. Veja bem, os estudantes têm uma visão privilegiada de dentro do processo educativo e podem realizar apontamentos e surgir com soluções inovadoras; apontamentos estes que podem nem ter sido observados por aqueles que estavam de fora do processo.

É necessário favorecer a capacidade dos estudantes em assumir responsabilidades pelos seus próprios processos de aprendizagem, assumindo uma postura questionadora e pró-ativa. Ao potencializar o exercício da ação e reflexão sobre a ação, o ambiente educativo se torna

muito mais interessante e motivador, e o estudante desenvolve maiores habilidades para a construção da sustentabilidade e para o desenvolvimento do potencial de resolução dos problemas socioambientais (COOPER; SORRENTINO, 2013, p. 5).

Em meados de 2016, quando já fazia parte do Programa Universitário de Educação Ambiental (PUEA) (experiência que detalharei no capítulo 3.5) participei de uma disciplina da Licenciatura em Ciências Agrárias com o intuito de reunir apontamentos e compreender melhor o que os estudantes viam como relevante para melhorar o Projeto Político Pedagógico de cada curso para melhorá-lo e ambientalizá-lo.

As soluções e questionamentos levantados no encontro trouxeram uma priorização muito diferente daquela que havia sido considerada em reunião com funcionários e discentes; os tópicos eram muito similares, porém os estudantes tinham uma compreensão diferente do ensino que estavam vivenciando.

Ouvir atentamente o que os estudantes têm a dizer, utilizar as suas ideias e levar a sério suas sugestões é uma pequena forma de ambientalizar o currículo, e de alcançar todos os indicadores da ambientalização; porém é preciso ir além, é preciso dialogar.

No prefácio do livro *Pedagogia do Oprimido*, 67ª edição, o Professor Ernani Maria Fiori (FREIRE, 2019, p. 28) pauta que “O diálogo autêntico – reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro – é decisão e compromisso de colaborar na construção de um mundo comum.”

Como seria se houvesse espaço para que os estudantes participassem da criação, elaboração e atualização de seus próprios currículos, possuindo maior autonomia dentro de seus cursos e traçando os objetivos e apontamentos pertinentes de como a gostariam de chegar lá?

Felizmente tenho, em minha trajetória, uma dessas experiências e irei compartilhá-la no capítulo 4. Porém trago de antemão que a capacidade dos estudantes em escolher seu próprio futuro não pode ser negada, caso busquemos uma Instituição completamente ambientalizada, afinal ela é via de mão dupla.

### **3.4 Descobrimo: os caminhos educacionais alternativos**

Na “onda” de me aprofundar dentro do curso de graduação e das suas diversas e belíssimas áreas, comecei a pegar matérias optativas de disciplinas

distintas. No meu segundo ano decidi cursar a disciplina “Tópicos de Educação Voltados à Questão Ambiental”, foi nesse exato momento que a Educação Ambiental entrou na minha vida. Já havia ouvido sobre o tema de maneira superficial em outras oportunidades, porém essa foi a primeira vez em que a vi com profundidade, como um todo e o um todo não apenas como uma fração de um livro, ou de uma fala.

Tive a honra de ter essa matéria lecionada pelo professor Marcos Sorrentino, que sempre apresentou a Educação Ambiental com muito carinho e dedicação. Nesse ponto comecei a me questionar por que as minhas outras disciplinas eram tão diferentes dessa e porque eu aprendia (e queria aprender) muito mais nela.

A Educação Ambiental nunca foi imposta, para mim, ela foi apresentada lentamente e foi se manifestando nos pequenos detalhes da sala de aula. Na escuta atenta, no espaço para críticas, nos cafés da tarde e nas rodas de diálogos, que faziam a minha quarta feira a tarde muito mais feliz.

Eu fiz algumas optativas ao longo da graduação, mas as disciplinas de EA sempre foram diferentes. Eu sempre tive mais vontade de participar, de me engajar e de aprender. Nenhuma tarefa nunca foi maçante ou “impossível”.

Acredito que muito disso tenha sido pelo fato de que eu sempre me senti eu mesma dentro da sala de aula. Uma das muitas peculiaridades das aulas do professor Marcos era que nos apresentávamos e usávamos o lúdico para dizer além de quem somos, quem um dia já fomos e quem queríamos ser.

É apontado no Programa Nacional de Formação de Educadoras(es) Ambientais - PROFEA (Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental, 2006, p. 11) que

[...] o sujeito formado pela educação ambiental está além de uma pré-concepção formulada pelo educador(a), o sujeito formado é outro(a) educador(a) ambiental. O objetivo do(a) educador(a) ambiental libertário(a) é contribuir com a formação e o empoderamento de companheiras(os) de caminhada.

Ser tratada como “companheira de caminhada” me fez ter mais interesse naquilo que eu estava estudando. Fiz todas as disciplinas disponíveis de EA para o meu curso, três ao total e nenhuma delas foi igual, ou repetiu o conteúdo.

Pelas disciplinas já serem ambientalizadas elas se conectavam muito com as diretrizes de permeabilidade e flexibilidade, além de todas as outras, e com isso

por mais que o mesmo tema fosse abordado ele trazia um novo formato, novos autores e novos olhares, trazendo novos conhecimentos.

A concepção de planejamento participativo adotada é incremental e articulada, pois considera que o processo educador não é inflexível, rígido e estanque, mas pode modificarse ao caminhar, revisitando as atividades e reflexões realizadas, articulando cada novo passo aos anteriores e incrementado-os a partir da avaliação crítica dos aprendizados por eles propiciados, inclusive revendo coletivamente e em instâncias reconhecidas por todas as pessoas envolvidas, os objetivos, conteúdos e técnicas pactuados (SILVA; MELO, 2002 *apud* OCA 2016).

A Educação Ambiental é múltipla, ela não possui apenas uma visão ou vertente (CARVALHO, 2004; SAUVÉ, 2005) e é por isso que a escolha de como ela será apresentada é tão importante. Moacir Gadotti (2003, p. 49) diz que “Só aprendemos quando colocamos emoção no que aprendemos. Por isso é necessário ensinar com alegria”.

Diz ainda que

O novo professor é também um profissional do encantamento. Num mundo de desencanto e de agressividade crescentes, o novo professor tem um papel biófilo. É um promotor da vida, do bem viver, educa para a paz e a sustentabilidade. Não podemos abrir mão de uma antiga lição: a educação é ao mesmo tempo ciência e arte (2003, p. 55)

Grande parte do motivo de eu ter me encantado tanto com a EA foi pela maneira que ela me foi mostrada e as inúmeras possibilidades de como caminhar junto ao conhecimento que me foram disponibilizados. Acredito que disciplinas permeáveis e flexíveis são responsáveis por estudantes mais dedicados e mais interessados no que está sendo apresentado.

### **3.5 Descobrindo: o meu papel protagonista na Ambientalização Curricular**

Em 2016, após o término do meu envolvimento em um grupo de extensão era hora de escolher outro para me aventurar. Há um tempo estava pensando na possibilidade de escolher outra área, na época estava na minha segunda experiência relacionada à botânica, tinha algum tempo que havia percebido que não estava na área que fazia “meu olho brilhar”, ou similar.

Quando o Programa de Bolsas Unificadas (PUB) abriu me inscrevi para um trabalho relacionado à educomunicação, mas acabei sendo convidada a participar

do Programa Universitário de Educação Ambiental (PUEA), pelo Marcos e pela Ana, coordenadora do Programa USP RECICLA.

O PUEA é um dos principais programas do GT Percepção e Educação Ambiental, que faz parte do Plano Socioambiental Participativo “Luiz de Queiroz”. O objetivo do programa é

Incorporar suas diretrizes de forma a esclarecer e/ou solucionar os problemas socioambientais do Campus, sensibilizar a comunidade interna e externa e criar medidas preventivas que permeiem o ensino, a pesquisa, a extensão e a gestão (COOPER; SORRENTINO, 2013, p. 9)

Dentro do meu escopo de atividades estavam: o acompanhamento mensal da Coordenação de Curso (Coc) da Engenharia Agrônômica, que estava passando por mudanças estruturais, o acompanhamento do Grupo de Trabalho Percepção e Educação Ambiental, a aproximação com os outros Grupos de Trabalho do Plano Diretor e o processo de escrita e busca de dados para a escrita do capítulo do GT para a nova revisão do Plano Diretor.

Eu me lembro que fiquei bem preocupada com a quantidade de demandas que teria para realizar, que pareciam ser muitas, mas tive muita orientação, apoio e auxílio do Marcos, da Ana e dos meus amigos do Plano Diretor.

Das minhas tarefas a que eu considero como as mais desafiadoras foram a participação da Coc da Engenharia Agrônômica e a mediação das reuniões do GT PEA. Isso porque eu me sentia muito desqualificada para dar opiniões e fazer qualquer tipo de posicionamento no início, visto que eu era “apenas” uma estudante de graduação e estava conversando com vários professores.

Mas com o tempo eu fui percebendo que, além de ser um pensamento bobo eu precisava me posicionar para realmente conseguir os resultados que esperávamos, visto que em algumas reuniões eu estava desacompanhada dos meus orientadores.

Com estudo e bastante coragem comecei a encontrar a minha própria voz nestes espaços, que sempre estiveram prontos para receber a minha contribuição, eu que precisei de um tempo de adaptação.

Foi trabalhando no PUEA que percebi que existia uma necessidade urgente de se ambientalizar o campus “Luiz de Queiroz”, em concordância com o que diz Machado e Andrade (2015)

não basta incorporar conteúdos ambientais nas disciplinas, se ainda as universidades não se responsabilizam pelo destino final dos resíduos gerados em seus campi; não é suficiente criar e preservar espaços verdes, se a gestão é realizada sem a participação de sua comunidade; não basta ser referência no ensino, se as universidades não se esforçam para incluir em seu espaço uma diversidade de saberes; não basta ser pioneira nas pesquisas que realiza, se seus estudos não ajudam a melhorar a qualidade de vida das comunidades do seu entorno e do planeta; e que, enfim, pouco basta uma pesquisa gerar conhecimento de ponto em uma área se o simples fato de fazê-lo gera impactos ambientais que são ignorados pelo próprio processo de pesquisa. São práticas insustentáveis que se transformam em currículo oculto e, portanto, também educam (p. 112 e 113).

Sendo a ESALQ uma universidade referência em relação ao ensino de Ciências Agrárias, sustentabilidade e a pioneira dos *campi* da USP a possuir um plano diretor é necessário que ela internalize a sustentabilidade dentro de seus espaços acadêmicos e não acadêmicos.

A ambientalização de todos os espaços além de torná-lo mais acolhedor ao estudante e com isso propício ao ensino, faria com que ele tivesse aulas contextualizadas e saísse da graduação com maior confiança e potência de agir sobre seus processos.

## 4 O CAMINHAR

Este capítulo irá introduzir a minha jornada após a graduação, caminho que ainda estou trilhando. Considero que esta tem sido a fase mais ambientalizada da minha vida, tanto por fazer parte da Especialização Educação Ambiental e Transição para Sociedades Sustentáveis, quanto por eu estar em busca de encontrar a ambientalização em mim.

### 4.1 Ser educadora

Eu costumo dizer que a academia (e a vida) não nos prepara para o que acontece após a formatura. Me lembro claramente de como me senti órfã nos meses seguintes ao término da minha graduação. Até aquele momento, dos meus 21 anos de vida eu havia sido estudante a 17 e, honestamente, tinha várias dúvidas se eu era boa em outra coisa que não estudar.

Me formei com a certeza que era Gestora Ambiental, afinal eu tinha um papel comprobatório disso, mas mesmo tendo estudado e trabalhado com Educação Ambiental fiquei por muito tempo pensando se poderia me considerar uma educadora ambiental. Primeiro porque parecia pretensioso demais e segundo porque eu muito me questionava sobre o que era de fato ser educadora.

Freire (2019) afirma que somos todos seres da práxis

Mas, se os homens são seres do que fazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o que fazer é práxis, todo fazer do que fazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O que fazer é teoria e prática. É reflexão e ação (p.167-168).

Sendo seres da práxis não seríamos todas e todos educadores ou potenciais educadores? Se sim, como podemos ser educadoras ambientais ambientalizadas em nossa vida cotidiana?

Essa é uma questão que me faço frequentemente. Acredito que preciso ir além de buscar apenas pela ambientalização dos currículos, é necessário buscar a ambientalização das instituições, sejam elas quais forem, e das relações que possuímos.



A fim de se alcançar uma cidadania planetária (MORIN, 2000), é necessário que flexibilizemos os nossos “muros”, busquemos a paz e a transformação das relações humano-natureza.

Hoje, acredito que ser educador é estar disponível para o ciclo educador-educando, sempre priorizando o respeito pelo outro e a compreendendo as suas peculiaridades. Além, é necessário sempre exercer a práxis, a reflexão, pois todas as vivências tornam-se válidas, se olharmos para elas atentamente.

#### **4. 2 A Especialização Educação Ambiental e Transição para Sociedades Sustentáveis**

Em meados de 2019 fui agraciada com a oportunidade de ser estudante da Especialização Educação Ambiental e Transição para Sociedades Sustentáveis. Encontro-me, neste exato momento, em seus últimos meses.

O Projeto Político Pedagógico do curso (Oca, 2018) deixa claro que

O curso de especialização “Educação Ambiental e Transição para Sociedades Sustentáveis” foi idealizado nos últimos anos pela Oca a partir de reflexões cotidianas sobre a formação de profissionais atuantes na construção de uma sociedade mais sustentável e feliz (pg. 8).

O curso possui formato completamente diferente de outros que já havia participado. Nele não existem disciplinas e sim eixos transversais temáticos, sendo eles: Utopia, espiritualidade e conjuntura; Educação Ambiental; Intervenção e Conhecimento Científico e Políticas Públicas de Transição para Sociedades Sustentáveis. Além disso a estudante<sup>9</sup> tem completa autonomia para escolher seus estudos, auxiliado de uma tutora que cuida de todo seu processo acadêmico (OCA, 2018).

Acho necessário partilhar que em nenhum momento conversamos sobre a Ambientalização Curricular, mas a vi em todos os pequenos detalhes pensados pelos educadores que a conduziram.

Todo o espaço acadêmico era ambientalizado. Realizávamos aulas em círculo, a sala estava sempre decorada com pequenos elementos da natureza e o tempo todo éramos convidados a “olhar” para dentro de nós e refletirmos sobre os

---

<sup>9</sup> Como no curso de especialização éramos em maioria mulheres, tomei a liberdade de utilizar “as estudantes” para referir-me do coletivo.

assuntos teóricos que havíamos discutido em algum momento interior, o chamado “mergulho em si”.

Além de todas as aulas e atividades possuírem espaço de reflexão, consigo e com o grupo, a participação democrática existia para além delas, sendo que as estudantes foram convidadas a fazer parte do Comitê de Gestão Democrática do Curso, tendo espaço de diálogo com as atividades institucionais e financeiras existentes.

O eixo de “Utopia, espiritualidade e conjuntura” é responsável por abarcar vários indicadores, uma vez que nele tínhamos aulas além das teóricas, sendo convidadas a conhecer e acessar novos<sup>10</sup> tipos de conhecimentos, ancestrais e populares.

O simples fato de se compreender a utopia abre espaço para um novo mundo de conhecimentos e perspectivas para as estudantes, visto que a partir do momento que elas se permitem pensar e refletir sobre os ideais cenários para o universo e os caminhos possíveis para a transição para sociedades sustentáveis elas estão exercitando sua capacidade de práxis e geram potência de ação.

Por muitos momentos fomos convidadas a confrontarmos as incertezas da vida e a necessidade de mudar de plano e lidar com cortes que podem vir a existir em atividades que estejamos envolvidas; por mais que essas questões sejam cotidianas muitas vezes elas nos deixam abaladas e fazem com que fiquemos com perdas, sem saber como prosseguir. Além de trazer coerência entre a teoria e prática e compreender a complexidade fez com que pensássemos em cenários alternativos e exercitássemos a nossa criatividade.

Durante uma atividade fomos convidadas a nos juntarmos com outras três estudantes e cada uma teve um minuto para fazer um desenho na extremidade de uma cartolina, depois tivemos mais um minuto para complementar o desenho da estudante do lado, em seguida mais um minuto para conectar os desenhos; toda a atividade havia sido feita sem contato verbal. Quando a cartolina estava quase preenchida uma integrante da equipe pedagógica veio com um pincel com tinta vermelha e fez um “X” invalidando todo o desenho.

Essa atividade me traz reflexões até os dias atuais e eu a apelidei de “o X da questão”. O primeiro sentimento que tive após ver o “X” foi me sentir indignada,

---

<sup>10</sup> Utilizo aqui o termo “novos”, pois muitos dos conhecimentos eram novos para mim, mas tratavam-se de conhecimentos de longa data.

violada, afinal havíamos feito um desenho tão interessante e bonito e ele havia sido invalidado por uma fonte externa, que não estava emanando a mesma energia que a nossa.

Logo após fiquei pensando se seria o “X” uma forma de invalidar o que havíamos feito ou se seria, realmente, o que acontece quando um grupo que está em sintonia encontra um indivíduo que não se encontra na mesma sinergia. O que faltou para o “X” não ser apenas uma intromissão abrupta? Será que somente o diálogo teria evitado aquilo? Será que só ele seria suficiente?

Durante o momento de troca de sentimentos a Vivian, uma de nossas coordenadoras pedagógicas, comentou que no nosso grupo ao invés de tentarmos puxar o nosso desenho para que ele não fosse rabiscado havíamos segurado as pontas da cartolina na mesa, para que ela pudesse efetuar o “X”.

O que me fez refletir sobre as situações em que nos colocamos quando não estamos preparadas para nos defender. Veja bem, todas as estudantes do meu grupo estavam chateadas com a intromissão e mesmo assim aceitamos a imposição do “X”, com o grande desconforto causado em todas.

Isso, por fim, me fez refletir sobre a educação formal e não formal que todas nós tivemos. Será que se não fosse uma figura superior rabiscando na cartolina teríamos aceitado a intromissão? Afinal por mais que estejamos caminhando para uma transição à uma educação democrática todas havíamos passado por uma educação no sentido de aprender a respeitar as figuras de autoridade o que, muitas vezes, inclui acatar ordens, até aquelas que não fazem sentido.

Acho relevante comentar, inclusive, que uma educação formal e restrita, inclusive, não ensina garotas a se defender. Em inúmeras ocasiões fui lembrada, em sala de aula durante o ensino fundamental, que eu precisava ser uma “boa garota” e que, para isso, eu precisaria responder menos e aceitar mais. Por mais que eu e meus pais não concordássemos com esse tipo de aprendizado, ainda há um enraizamento desses pensamentos machistas.

É, por isso, que penso que ao educar para a transição e incluir a ambientalização dentro das instituições é necessário que temas planetários, como o machismo estrutural sejam abordados. Se eu não tivesse conhecimento suficiente sobre o tema é muito provável que eu não conseguisse conectar os temas, que por mais distantes que possam parecer em um primeiro momento são completamente relevantes à uma educação inclusiva.

Não tivemos a oportunidade de mais um minuto após o “X” para ver se encontraríamos soluções criativas para ele, o que eu acho que seria uma experiência muito interessante.

Essa foi a primeira oportunidade de apreender em um local em que os dez indicadores da Rede Aces estavam presentes, em seus mínimos detalhes. Dentro do curso pude perceber como a uma educação ambientalizada trouxe um maior interesse de aprender e de estudar.

A ambientalização da especialização estava além das aulas teóricas, concordando com o que diz Raymundo *et al* (2015)

A incorporação da dimensão socioambiental ao currículo não se dará apenas pela via dos conteúdos, mas também a partir das relações estabelecidas entre educador e educando, das práticas pedagógicas adotadas em sala de aula, da conexão entre ensino, pesquisa e extensão, das enunciações das utopias e sonhos de um mundo melhor (p. 134).

Em menos de oito meses de curso já havia completado um caderno de anotações de sala e de estudos feitos em casa, o que primeiramente me lembrou das páginas não utilizadas em sala de aula durante algumas disciplinas da graduação, mostrando grande diferença de engajamento pessoal.

A disponibilidade de uma tutoria individualizada estava intrínseca a flexibilidade e permeabilidade da ordem disciplinar e em conjunto com a adequação metodológica; pois cada estudante pode aprender o mesmo conteúdo com metodologia adequada a si, trazendo além de maior conhecimento pessoal um maior número de pensamentos diferenciados para o momento da partilha, enriquecendo-o.

Estar no controle do meu próprio processo pedagógico fez com que eu tivesse muito mais interesse em estudar e aprender; porém ao mesmo tempo que ela traz libertação, é necessário ter responsabilidade consigo e com seu aprendizado.

Ter autonomia é amadurecer, segundo Freire (2002)

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade (p. 41).

Acredito que a autonomia e o amadurecimento causados por uma educação libertária e ambientalizada são os fatores responsáveis por um maior comprometimento com os estudos que me envolvi durante a pós-graduação. A escolha fez com que eu me tornasse uma estudante-educadora muito mais interessada e aplicada.

#### **4. 2.1 O Projeto Político Pedagógico (PPP)**

Confirmando o grau de ambientalização disponível no curso nós, as estudantes, fomos convidadas a participar da revisão do Projeto Político Pedagógico do nosso ano letivo, para que ele fosse contextualizado com a nossa turma.

O Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental (2006, p. 23) define que “Um projeto político pedagógico consiste na formulação e enunciação de uma proposta educacional, de suas diretrizes filosóficas, suas bases conceituais e políticas até a sua operacionalização”.

Ao convidar as estudantes para pensar e escrever o PPP há confirmação de que o documento não será mera burocracia preenchida e confirmação de que “Ele é construído e vivenciado em todos os momentos, por todos os envolvidos com o processo educativo da escola” (VEIGA, 2002, p. 11).

Por ter participado de atividades que envolviam o PPP durante o PUEA decidi participar do grupo que seria responsável pela revisão. Além de reuniões e momentos de escrita também pensamos e realizamos atividades para que mesmo as estudantes que não estavam no Grupo de Trabalho tivessem a oportunidade de utilizá-lo como manifesto.

Moacir Gadotti (1998) pauta que

Todo projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o do presente. Um projeto educativo pode ser tomado como promessa ante determinadas rupturas. As promessas tornam visíveis os campos de ação possíveis, comprometendo seus atores e autores (p. 19).

Acredito que o nosso PPP tem a potência de demonstrar como é possível trabalhar a educação sob uma nova perspectiva, através da fuga das amarras de um processo educador tradicional. Por meio dele nós, estudantes e equipe

pedagógica, podemos afrontar o sistema “clássico” de ensino, que por não considerar as estudantes como seres emburrece e empobrece o nobre ato de aprender.

Em uma atividade proposta pelo Grupo de Trabalho do PPP todas as estudantes escreveram três pequenos textos sobre o tema: o PPP e a identidade das estudantes; a utilização do STOA <sup>11</sup> e a questão de qual era o profissional que queríamos formar a partir da especialização.

Acredito que seja válido transcrever o pequeno poema sobre o tipo de educação que eu desejo, que escrevi durante a atividade.

*Educar é cuidar,  
Cuidar do outro, mas também de si.  
Vivendo eu aprendo  
E aprendendo eu cuido.  
Mas nem sempre é assim,  
Às vezes é maçante, doido.*

*“Cuidado com o universitário em fim de semestre”, dizem os memes, mas,  
além, diz o coração.*

*Gastrite, sinusite, ansiedade, choro e depressão.*

*Não é isso que eu quero, não!*

*Mas às vezes é só o que recebo.*

*Como sair das amarras opressoras do sistema?*

*É só se tornar opressor, diriam alguns.*

*Mas o que eu quero, está na contramão.*

*Eu quero o carinho, o cuidado e a autonomia.*

*Quero meus amigos felizes, com sorrisos no rosto*

*E que ao contar do processo eles não digam*

*“Não aguento mais”*

*Espero que um dia eu ouça*

*“Eu quero mais”*

*Porque educar é também uma forma de amar.*

*(Piracicaba, 23 de novembro de 2019)*

---

<sup>11</sup> O STOA foi a plataforma virtual utilizada pelas estudantes para as atividades não presenciais, nele além das postagens das atividades ocorriam diálogos entre as estudantes e a equipe pedagógica.

O poema traduz o tipo de educação emancipatória e afetiva que eu espero encontrar (e criar) em todas as atividades que me envolver. A autonomia de escrever parte do PPP trouxe a confirmação de que o documento é de completa importância para a ambientalização curricular, é por meio dele que a mesma pode ser instituída, mesmo sem ser pauta em sala de aula.

## 5 POR QUE AMBIENTALIZAR?

O ato de ambientalizar um currículo é resistência frente à uma educação classicista e elitista, é democratizá-la. Cunha (1986) pauta que

ensino democrático não é só aquele que permite o acesso de todos que o procuram, mas, também, oferece a qualidade que não pode ser privilégio de minorias económicas e sociais O ensino democrático é aquele que, sendo estatal, não está subordinado ao mandonismo de castas burocráticas, nem sujeito às oscilações dos administradores do momento.

Ambientalizar é, também, incluir amor aos processos acadêmicos e pedagógicos; por meio dela o estudante é considerado como um ser completo, a partir dela o ensino pode vir a tornar-se libertador e transformador.

Há também melhora nas relações entre estudante-estudo e estudante-professor, o que contribui para a formação de um cidadão mais preparado para os problemas globais e mais aberto para as mudanças e para o diálogo, questão fundamental para as relações atuais.

Segundo Morin (2000)

As democracias do século XXI serão cada vez mais confrontadas ao gigantesco problema decorrente do desenvolvimento da enorme máquina em que ciência, técnica e burocracia estão intimamente associadas. Esta enorme máquina não produz apenas conhecimento e elucidação, mas produz também ignorância e cegueira (p. 110 – 111).

Acredito que a Ambientalização Curricular é uma rica ferramenta para extinguir essas cegueiras. A sua implementação requer comprometimento e participação, itens que por vezes podem ser trabalhosos, porém a existência de indicadores é de grande auxílio para quem deseja embarcar nessa jornada.

Trazer a sustentabilidade para o cerne dos processos é de extrema emergência, é necessário buscar caminhos para uma sociedade sustentável e utilizá-los em prol a um futuro melhor.



## 6 O MAR QUE PERTENÇO

O sentimento de estar à deriva é, por vezes, desconcertante. Cada ilha que vejo aporto na esperança de encontrar ali o meu destino, o meu propósito. Mas até agora só o que consegui encontrar foram suprimentos físicos e emocionais para esta jornada que não sei se um dia terá fim.

Tem dias que os ventos do Oeste<sup>12</sup> sopram, como se Zéfiro quisesse me dar uma direção. Nestes dias navegar é mais fácil, nestes tenho fé que chegarei lá. Em outros me sinto no mar de monstros e sei que nenhum deus do Olimpo irá me salvar. Ali eles não têm jurisdição e bem... Só o que me resta é o meu remo e a minha coragem.

Ali, no meu mar de monstros, gostaria de dizer que sou sempre corajosa e de fato, existem dias que me sinto uma semideusa, destemida; eu remo tanto que consigo sair daquilo que só pode ser o triângulo das Bermudas. Mas existem aqueles em que eu só espero a onda me engolir e me levar para o estômago do Kraken.

Nesses eu fico aliviada em saber que o meu barco tangencia outros, que podem assumir os remos e me tirar do centro do redemoinho, me levando para águas mais calmas.

Até os dias mais difíceis são dias e todos os dias eu remo, mesmo quando há ajuda. Remo porque quando aporto em uma ilha segura sinto falta do mar, do caos transformador que tem me levado à tantos lugares, que tem me levado a ser.

Quando penso bem vejo que eu busco o mar e que estando no mar eu me sinto cada vez menos à deriva. Ainda não vejo com clareza onde será o aporte final, mas sei que estou indo e, por isso, eu remo.

— Piracicaba, 19 de novembro de 2019

---

<sup>12</sup> Todo este texto contém referências à saga “Percy Jackson e os Olimpianos” escrita por Rick Riordan.

## À NICOLE QUE SEREI

Querida Nicole do futuro,

Escrevo esta pequena carta como um pequeno lembrete. Não sei como estará o mundo em que você vive, mas torço para estarmos mais próximas de uma sociedade que transita para a sustentabilidade.

A escrita deste Memorial nos reafirmou que todas as nossas vivências são válidas e que é a partir delas que temos a potência de ação para transformar. Nossos feitos são nossos monumentos<sup>13</sup> e, por isso, precisamos aprender a valorizar mais aquilo que fazemos.

Peço que mesmo nos dias em que a estrada nada se pareça com àquela de tijolinhos amarelos<sup>14</sup> você não se esqueça de sonhar. Lembre-se que a felicidade pode ser encontrada nas horas mais difíceis<sup>15</sup> e que suas companheiras e companheiros de caminhada te darão força.

A pandemia muito nos ensinou sobre as incertezas do futuro, mas sei que não importa onde estivermos, tudo ficará bem. Eu confio em você.

A verdadeira alegria está no mistério.

---

<sup>13</sup> Frase inspirada pelo livro “Extraordinário”. PALACIO, R. J. Extraordinário. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2003. 318 p.

<sup>14</sup> Referência ao livro “O mágico de Oz” escrito por L. Frank Baum em 1900.

<sup>15</sup> Frase inspirada no filme “Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban” (2004).

*“A criança é feita de cem.  
A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar,  
de jogar e de falar.  
Cem, sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar.  
Cem alegrias para cantar e compreender.  
Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar.  
Cem mundos para sonhar.  
A criança tem cem linguagens (e depois, cem, cem, cem),  
mas roubaram-lhe noventa e nove.  
A escola e a cultura separam-lhe a cabeça do corpo.  
Dizem-lhe: de pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça, de escutar e  
de não falar,  
De compreender sem alegrias, de amar e maravilhar-se só na Páscoa e  
no Natal.  
Dizem-lhe: de descobrir o mundo que já existe e, de cem,  
roubaram-lhe noventa e nove.  
Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia, a ciência e a  
imaginação,  
O céu e a terra, a razão e o sonho, são coisas que não estão juntas.  
Dizem-lhe: que as cem não existem. A criança diz: ao contrário,  
as cem existem.”*

Loris Malaguzzi.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, N. C. PEC 241/55: a “morte” do PNE (2014-2024) e o poder de diminuição dos recursos educacionais. **Revista Brasileira de Políticas e Administração da Educação**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 653-673, set./dez. 2016.
- ARRUDA, M. P.; LIMA, L.C.; ANDRADE, I.C.F. Ambientalização curricular: O desafio da religação de saberes para o Ensino Superior. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12, 2015, Paraná. **Educação Ambiental em Ação**, v. 53, p. 102-125, 2015. Disponível em [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16318\\_7314.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16318_7314.pdf). Acesso em: 09 set. 2020.
- BARBA, C. H. "**Ambientalização Curricular**" no Ensino Superior: O caso da Universidade Federal de Rondônia - Campus de Porto Velho. 2011. 310 f. Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2011. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/101539/barba\\_ch\\_dr\\_arafc1.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/101539/barba_ch_dr_arafc1.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 04 set. de 2020.
- BARBOSA, P. M. R. **Breve relato da história da educação excludente**: do início da colonização aos dias de hoje em nosso país. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/12/23/breve-relato-da-historia-da-educacao-excludente-do-inicio-da-colonizacao-aos-dias-de-hoje-em-nosso-pais>. Acesso em: 08 dez. 2019.
- BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, n.19, pp.20-28. 2002. ISSN 1413-2478. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 05 set. de 2020.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil: artigo 205**. Brasília, DF, Senado, 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm#art225](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm#art225). Acesso em: 04 mar. 2020.
- BRASIL. **Lei No 9.795, de 27 de abril de 1999**. *Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9795.htm#:~:text=LEI%20No%209.795%2C%20DE%2027%20DE%20ABRIL%20DE%201999.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o%20ambiental,Ambiental%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9795.htm#:~:text=LEI%20No%209.795%2C%20DE%2027%20DE%20ABRIL%20DE%201999.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o%20ambiental,Ambiental%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias). Acesso em: 01 out. 2020.
- BRIGHENTE, M. F.; MESQUIDA, P. Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora. **Pro-Posições**, Campinas, vol. 27, n. 1, p. 155–77. Abr. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072016000100155&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072016000100155&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 19 jul. 2020.
- BRUNER, J. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed Editora. 2001.
- CARVALHO, I. C. M.; AMARO, I.; FRANKENGERG, C. L. C. Ambientalização Curricular e Pesquisas Ambientalmente Orientadas na PUCRS: um

- levantamento preliminar. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE SUSTENTABILIDADE NA UNIVERSIDADE, 3, 2011, São Carlos, SP. **Anais Visões e Experiências Ibero-Americanas de Sustentabilidade nas Universidades**. p. 137-143. 2011
- CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação**. P. 13-24. In: BRASÍLIA. Philippe Pomier Layrargues (coord.). *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 13-24.
- CIURANA, A. M. G.; JUNYENT, M.; BAU, E. A. **Características de la ambientalización curricular: Modelo ACES**. In: JUNYENT, M.; CIURANA, A. M. G., BAU, E. A.; (eds.) **Ambientalización Curricular de los Estudios Superiores: Proceso de caracterización de la Ambientalización curricular de los estudios universitarios**. Girona: Universitat de Girona, Red ACES, 2003. v. 2, p. 15- 32.
- COOPER, M.; SORRENTINO, M. **Programa Universitário de Educação Ambiental para o Campus “Luiz de Queiroz”**. Piracicaba: s/n, 2013. 39 p.
- CUNHA, L.A. **A educação na nova Constituição**. Correio Braziliense/UnB 25 de outubro de 1986. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/117813/1986\\_OUTUBRO\\_076b.pdf?sequence=3](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/117813/1986_OUTUBRO_076b.pdf?sequence=3). Acesso em 8 out. 2020.
- ERIKSON, E.H. **Identidade: Juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar. 322 p.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 54 p. Disponível em: [http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/4-%20Freire\\_P\\_%20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf](http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/4-%20Freire_P_%20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf). Acesso em: 10 jul. 2020.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 67. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019. 256 p.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olha d'água, 1997.
- FREITAS, D. S. L.; SOUZA JR., A. J. Importância do Memorial enquanto estratégia de formação profissional no Projeto Veredas. **Rev. Olhares & Trilhas** (Eseba/UFU), v. 5, n.1, p. 23-31, 2004.
- GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003. 80p.
- GADOTTI, M. **Projeto Político-Pedagógico da escola cidadã**. In: Secretaria de Educação a Distância. **Salto para o Futuro: Construindo a escola cidadã, projeto político-pedagógico**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998.96 p.
- GUERRA, A. F. S.; FIGUEIREDO, M. L. Ambientalização curricular na Educação Superior: desafios e perspectivas. **Educar em Revista**, [s.l.], n. 3, 2014. p.109-126.
- LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2002. 240 p.
- LIQUER, I.R. **Educação e Cidadania: Reflexões sobre a (in)constitucionalidade do projeto de lei brasileiro “Escola sem Partido”**. 100 f. Dissertação de mestrado

em Direito (Ciências Jurídico-Políticas). Faculdade de Direito da Universidade do Porto, Porto, 2017.

MACHADO, J. T.; ANDRADE, D. F. **A ambientalização das Instituições de Educação Superior e seus desafios**. In: RAYMUNDO, M.H.A; BRIANESI, T.; SORRENTINO, M. **Como construir políticas públicas de educação ambiental para sociedades sustentáveis?** São Carlos: Diagrama Editorial, 2015. 222 p.

MAPAMA. **Red ACES (Ambientalización Curricular de los Estudios Superiores)**. Disponível em: [www.mapama.gob.es/es/ceneam/recursos/quien-es-quien/aces.aspx](http://www.mapama.gob.es/es/ceneam/recursos/quien-es-quien/aces.aspx). Acesso em 20 jul. 2020.

MICHAELIS. **Competir**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/competir/>. Acesso em 10 ago. 2020.

MICHAELIS. **Memento**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/memento/>. Acesso em 29 out. 2020.

MMA. **Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global**. Disponível em: [www.mma.gov.br/informma/item/8068-tratado-de-educa%C3%A7%C3%A3o-ambiental-para-sociedades-sustent%C3%A1veis-e-responsabilidade-global](http://www.mma.gov.br/informma/item/8068-tratado-de-educa%C3%A7%C3%A3o-ambiental-para-sociedades-sustent%C3%A1veis-e-responsabilidade-global). Acesso em: 17 jul. 2020.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO. 2000. 118 p. ISBN 85-249-0741-X

OCA, 2016. **O “método Oca” de educação ambiental: fundamentos e estrutura incremental**. Ambiente & Educação. V.21, n.1, 2016. Disponível em: <http://oca.esalq.usp.br/wp-content/uploads/sites/430/2020/02/6012-17917-1-PB.pdf>.

OCA [Org.]. **Projeto Político Pedagógico Curso de Especialização Educação Ambiental e Transição para Sociedades Sustentáveis**. 2018. 52 p. Disponível em: <http://oca.esalq.usp.br/wp-content/uploads/sites/430/2020/01/Projeto-Pol%C3%ADtico-Pedag%C3%B3gico.pdf>. Acesso em 06 ago. 2020.

OLIVEIRA JUNIOR, W. M. et al. **As 10 características em um diagrama circular**. In: JUNYENT, M.; GELI, A. M.; ARBAT, E. **Ambientalización Curricular de los Estudios Superiores: aspectos Ambientales de las universidades. 2: proceso de caracterización de la Ambientalización Curricular de los Estudios Universitarios**. Girona: Universitat de Girona, 2003, p. 35-55.

Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental. (2006). **PROFEA: Programa nacional de formação de educadoras(es) ambientais: Por um Brasil educado e educando ambientalmente para a sustentabilidade**. Vol. 7. Documentos técnicos. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente. 44 p. 2006. Disponível em: [https://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/\\_arquivos/dt\\_08.pdf](https://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/dt_08.pdf). Acesso em 30 jul. 2020.

PENNA, F. **Programa “Escola Sem Partido”**: Uma ameaça à educação emancipadora. In: GABRIEL, C. T.; MONTEIRO, A. M. e MARTINS, M. L. B.

- (org.) **Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de história.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- PRADO, G.; SOLIGO, R. **Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação....** In: PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura (Org.). **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações.** Campinas, SP: Graf, 2005.
- RAYMUNDO, M. H. A. **Um estudo diagnóstico sobre a Ambientalização Curricular na diretriz ensino-aprendizagem da ESALQ/USP.** In: RAYMUNDO, M.H.A; BRIANESI, T.; SORRENTINO, M. **Como construir políticas públicas de educação ambiental para sociedades sustentáveis?** São Carlos: Diagrama Editorial, 2015. 222 p.
- SAUVÉ, L. **Uma cartografia das correntes de Educação Ambiental.** In: SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. (Orgs.). **Educação ambiental: pesquisa e desafios.** Artmed, Porto Alegre, cap.1. p.11-44. 2005
- SECO, A.P.; AMARAL, T.C.I. **Marquês de Pombal e a reforma educacional brasileira.** Disponível em: [www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo\\_pombalinointro.html#\\_ftn1](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo_pombalinointro.html#_ftn1). Acesso em 10 mar. 2020.
- SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 79, p. 71-94. Nov. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002007000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 27 ago. 2020.
- SORRENTINO, M. et al. Educação ambiental como política pública. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 285-299, maio-ago. 2005.
- VASCONCELOS, L. **Participatory Governance in Complex Projects.** In: GUNKEL, G.; SOBRAL, M. (ed). **Reservoir and River Basin Management: Exchange and Experiences from Brazil, Portugal and Germany.** Univerlagtuberlin: Berlin. 2007. p. 279.
- VAZQUEZ, D. A. **O Plano Temer/ Meireles contra o povo: o Desmonte Social proposto pela PEC 241.** Plataforma Política Social, 18 de julho de 2016. Disponível em: <http://plataformapoliticasocial.com.br/artigo-36-o-plano-temer-meireles-contra-o-povo-odesmonte-social-proposto-pela-pec-241/>. Acesso em: 15 set. 2020.
- VEIGA, I. P. A. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva.** In: VEIGA, I. P. A. (Org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível.** Campinas: Papirus, 2002. p. 11-35.